

S586a

Silva, Thayná Milena de Oliveira da.

Automedicação entre os acadêmicos da área da saúde [recurso eletrônico] / Thayná Milena de Oliveira da Silva. – Cabedelo, PB: [s.n.], 2020.  
17 p.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Ma. Karelline Izaltemberg Vasconcelos Rosenstoc. Artigo (Graduação em Enfermagem) – UNIESP Centro Universitário.

1. Enfermagem. 2. Automedicação. 3. Acadêmicos – Área da saúde. 4. Saúde pública I. Título.

CDU: 616-083

## AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE

### SELF-MEDICATION BETWEEN HEALTHCARE ACADEMICS

SILVA, Thayná Milena de Oliveira da<sup>1</sup>  
ROSENSTOCK, Karelline Izaltemberg V.<sup>2</sup>

#### RESUMO

A automedicação consiste em uma prática de alta importância para a saúde pública. Tendo em vista que esta, se executada de forma irracional, expõe o indivíduo a malefícios que podem ser fatais, porém somos rotineiramente induzidos ao consumo de fármacos sem prescrição médica, seja por propagandas massivas, recomendações de alguém próximo que teve sintomas parecidos, e até mesmo o próprio conhecimento. Este estudo tem como objetivo comparar os índices de automedicação entre os acadêmicos da área da saúde e suas causas. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório com abordagem quanti-qualitativa, a partir da aplicação de um questionário com os discentes dos cursos de nutrição, psicologia, enfermagem, educação física e fisioterapia. Observou-se que a automedicação se tornou algo comum, praticada por acadêmicos de todos os cursos, e que ainda há deficiência nas informações sobre tal tema. Pretende-se com este estudo adicionar conhecimentos sobre a automedicação aos futuros profissionais da área da saúde, destacando que a mesma é um recurso que deve ser utilizada a nosso favor, todavia de forma racional e moderada.

**Palavras-chave:** Automedicação. Enfermagem. Saúde. Efeitos adversos.

#### ABSTRACT

The self-medication is a practice of high importance for public health. Bearing in mind that this, if performed irrationally, exposes the individual to harm that can be fatal, but we are routinely induced to consume drugs without a prescription, either through massive advertisements, recommendations from someone close to us who had similar symptoms, and even even knowledge itself. This study aims to compare self-medication rates among health academics and their causes. This is an exploratory research with a quantitative and

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário UNIESP. Email: milenathataoli@gmail.com.

<sup>2</sup>Enfermeira e Mestre em Enfermagem na Atenção à Saúde. Docente do Centro Universitário UNIESP. Email: karellineivr@gmail.com.

qualitative approach, based on the application of a questionnaire with students from the nutrition, psychology, nursing, physical education and physical therapy courses. It was observed that self-medication has become something common, practiced by academics from all courses, and that there is still a deficiency in information on this topic. The aim of this study is to add knowledge about self-medication to future health professionals, highlighting that it is a resource that should be used in our favor, however in a rational and moderate way.

**Keyword:** Self-medication. Nursing. Health. Adverse effects.

## 1 INTRODUÇÃO

Os medicamentos são importantes bens sociais e sua utilização por parte da população brasileira é elevada e influenciada por diversos fatores. Dentre estes se destacam o aumento da expectativa de vida da população e a consequente elevação da carga de doença crônica, o surgimento de novas e velhas doenças transmissíveis, o aumento da prevalência dos transtornos de humor, as doenças resultantes da degradação do meio ambiente, da poluição ambiental e das mudanças climáticas. Soma-se a esses aspectos, a veiculação de propagandas de medicamentos isentos de prescrição na mídia, e a crença de que os medicamentos resolvem tudo, constituindo fatores importantes para a prática da automedicação. A saúde está relacionada a um dos eventos mais traumatizantes perante os brasileiros relacionados a assistência do estado, sofrendo impacto nos seus direitos constitucionais. As discussões sociais sobre o tema do risco da automedicação trazem polêmicas como a questão do atendimento ao cidadão, que trazem a luz do direito constitucional a saúde (ARRAIS et al., 2016; ALVIM; LIMA, 2019).

De acordo com Cardoso et al (2018) a automedicação consiste na utilização de medicamentos sem prescrição médica. É considerada uma forma alternativa, a partir da qual é possível aliviar sintomas incômodos ocasionados pelas doenças, sem submissão à uma consulta. Uma característica marcante da automedicação é o estoque, por vezes até de medicamentos que não acabaram durante o tratamento.

Segundo Constantino et. al. (2020), estudos analisados indicam que são diversos os motivos que levam a população a estocar medicamentos no domicílio. Dentre eles destacam-se a possível utilização do medicamento no futuro, aquisição sem prescrição médica, alteração no tratamento ou mudança na dosagem, sobra de tratamentos anteriores, falta de adesão ou abandono do tratamento e possibilidade de doação para outras pessoas. Destes a automedicação e a aquisição de medicamentos sem prescrição trazem os principais riscos para a população, considerando a toxicidade potencial de alguns

medicamentos. Estas atitudes refletem uma cultura persistente em distintas regiões do mundo com a qual se banalizam os riscos derivados do uso inadequado de algum princípio ativo e/ou das reações adversas associadas à ingestão de determinados medicamentos.

No Brasil, a automedicação é aconselhada quando ela é acompanhada de orientações de um profissional capacitado quanto ao uso correto do medicamento, bem como através de medicamentos isentos de prescrição. Quando tal ato ocorre desta maneira ela passa a ser conhecida como automedicação responsável, esta por sua vez representa economia tanto para o indivíduo quanto ao sistema de saúde, enfatizando que ao utilizar medicamentos sem orientações, pendendo ao uso inadequado, o mesmo estará submetido aos efeitos colaterais e possivelmente gastos desnecessários (SILVA; RODRIGUES, 2014).

Geralmente a “falta de tempo”, demora nos atendimentos dos serviços de saúde, tanto na rede pública quanto na privada, e o querer de uma resolução rápida acabam impulsionando a automedicação; prática muito comum. No contexto de um sistema de saúde muitas vezes insatisfatório, não são percebidos os aspectos contextuais das enfermidades ou seus determinantes e os medicamentos assumem um papel central como ferramenta de resolução do problema. A função simbólica do medicamento pressupõe que a enfermidade seja reduzida a um fenômeno orgânico, que pode ser enfrentado por uma mercadoria vista como cientificamente válido de se obter um valor altamente desejado, a saúde (CARDOSO, 2018).

Todavia tal ato pode trazer riscos à saúde como iatrogenias, intoxicação exógena, e até mesmo mascarar os sintomas iniciais de uma doença, favorecendo o traçar de uma terapêutica equivocada. Os erros mais comuns que podem desencadear reações de maior complexidade são: medicamento impróprio, dose errada, frequência inadequada, período insuficiente ou demasiado de consumo e combinação inadequada com outros fármacos provocando interação indesejável. Além disso, a população não possui informações corretas de como estocar os medicamentos e geralmente ocorre em locais inseguros e inadequados, o que pode interferir na qualidade do medicamento (BRITO, 2010; LUCCHETTA, 2009).

Uma preocupação à parte se dá à função desta prática por meio de estudantes da área da saúde, tendo em vista que estes como profissionais, provavelmente, orientarão seus pacientes quanto ao uso correto dos medicamentos (AQUINO, 2010). Diante do exposto, este estudo tem como objetivo comparar os índices de automedicação entre os acadêmicos da área da saúde e suas causas.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

É um estudo do tipo exploratório e quantitativo. Segundo Gerhardt e Silveira (2009) a pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros, recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis etc. E a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Inicialmente foi produzido o levantamento bibliográfico por meio de artigos relacionados ao tema proposto, acessados através de plataformas digitais, tendo como propósito obter conteúdos mais atuais (2010-2020).

A pesquisa foi realizada com estudantes dos cursos da área da saúde no Centro Universitário UNIESP, sendo 15 alunos de cada curso, 75 no total, esses matriculados regularmente sejam do primeiro ao último período dos cursos de enfermagem, educação física, nutrição, psicologia e fisioterapia. Assim, participaram desta pesquisa discentes universitários matriculados regularmente nos cursos citados, não participaram desta pesquisa alunos de outros cursos além da área da saúde, nem alunos de outras instituições. A forma de intervenção para a obtenção da autorização da busca de dados foi por meio do termo de anuência e da carta de autorização dos participantes.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário virtual de múltipla escolha e softwares para a organização e tratamento das informações. Os riscos desta pesquisa são mínimos, dentre eles podemos citar o risco psicológico relacionado a mudanças emocionais, tendo em vista possível sentimento de culpa que pode ser gerado pelos resultados ou no decorrer da pesquisa, sendo assim de duração permanente. Todavia buscando propor acompanhamento ético a fim de reduzir os impactos. Esta pesquisa tem como benefícios: o conhecimento sobre um problema de saúde pública, que vem afetando a população de um modo geral, bem como a importância do uso adequado dos medicamentos para um tratamento eficaz de doenças.

O instrumento elaborado para observação foi um questionário de múltipla escolha eletrônico, relacionado ao tema tratado, os critérios utilizados foram: mais praticidade, tanto em o participante ser sucinto em sua resposta quanto em reduzir dificuldades em entender caligrafias ou rasuras, as variáveis analisadas neste trabalho foram qualitativas

e quantitativas. Foram avaliados os perfis dos estudantes quanto à automedicação de acordo com o seu curso de origem e esses dados quantificados, buscando constatar o índice de automedicação de cada curso.

Esta pesquisa obedeceu aos critérios da resolução nº466/2012 assim como a Resolução nº 510 de 2016. Ambas estabelecem qual a conduta do pesquisador no processo de investigação científica quando envolve seres humanos, resguardando os princípios bioéticos fundamentais: autonomia, justiça, beneficência e não-maleficência. Assim, antes do início da coleta de dados, o projeto foi submetido ao comitê de Ética de Pesquisa do UNIESP tendo sido aprovado conforme CAAE nº 20319019.0.0000.5184.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os participantes desta pesquisa foram abordados aleatoriamente, independente de gênero, faixa etária ou raça. Todavia obedecendo aos critérios da metodologia, os participantes foram acadêmicos dos cursos de enfermagem, nutrição, psicologia, educação física e fisioterapia, regularmente matriculados.

Os resultados acerca das respostas de perguntas objetivas incluídas no questionário aplicado aos discentes pesquisados no Centro Universitário UNIESP em Cabedelo estão representados na Tabela 1.

Questões objetivas e percentual (%) de respostas por curso	Enfermagem		Nutrição		Psicologia		Ed. Física		Fisioterapia	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Usa medicamento sem prescrição médica?	93	7	40	60	80	20	60	40	80	20
Objetivo de tratamento foi atingido após a automedicação?	71	29	83	17	100	0	100	0	92	8
Indicação medicamentosa através de um leigo	33	67	83	17	50	50	56	44	25	75
Indicou medicamento	73	27	36	64	60	40	73	27	73	27

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

**Tabela 1 – Reosta dos sujeitos a partir das respostas acerca da automedicação entre alunos da área da saúde do Centro Universitário UNIESP. Cabedelo, 2020.**

Na Tabela 1 é possível observar que quase todos os cursos, com exceção de nutrição, tiveram resultados maiores que 50% no índice de automedicação sendo em ordem crescente educação física (60%), psicologia (80%), fisioterapia (80%) e enfermagem (93%). Como observado, o curso de enfermagem totalizou números

consideráveis os quais põe o curso em liderança de praticantes da automedicação. Esperava-se que os índices de automedicação entre a área da saúde fossem menores, visando que há matérias em suas grades curriculares que lhes proporcionam mais conhecimento sobre a área de fármacos. O menor índice de automedicação foi nutrição com apenas 40% dos pesquisados, enquanto outros 60% informaram não se automedicar. Este é um ponto positivo tendo em vista que o amplo uso de medicamentos sem orientação médica, quase sempre acompanhado do desconhecimento dos malefícios que pode causar, é apontado como uma das causas destes constituírem o principal agente tóxico responsável pelas intoxicações humanas registradas no país. Dessa forma, o uso indiscriminado de medicamentos tornou-se uma das grandes dificuldades enfrentadas pela saúde no âmbito mundial (PEREIRA et al., 2008).

Segundo Gama e Secoli (2017) alguns dos motivos que levam a automedicação são experiência prévia com o sintoma ou a doença, crença sobre conhecimento da doença, limitação de recursos financeiros para cuidar da saúde, indisponibilidade de tempo para buscar auxílio médico e atitude do indivíduo face a doença. Consequentemente podemos apontar o conhecimento extra, por terem contato e pertencerem a determinada área, como mais um dos pontos influenciadores.

Sobre o alcance do objetivo do tratamento, a grande maioria dos discentes pesquisados nos cursos de saúde aponta que obtiveram resultados satisfatórios quanto a resposta do fármaco em seus organismos. Desta forma é nítido que a maioria atingiu seus objetivos terapêuticos, porém vale ressaltar que embora muitas vezes esta prática possa ter resultados favoráveis (melhora de sintomas ou resolução do problema de saúde), outras vezes pode trazer prejuízos à saúde do indivíduo, como reações adversas, interações medicamentosas, desenvolvimento de resistência entre outros (GALATO et al., 2012).

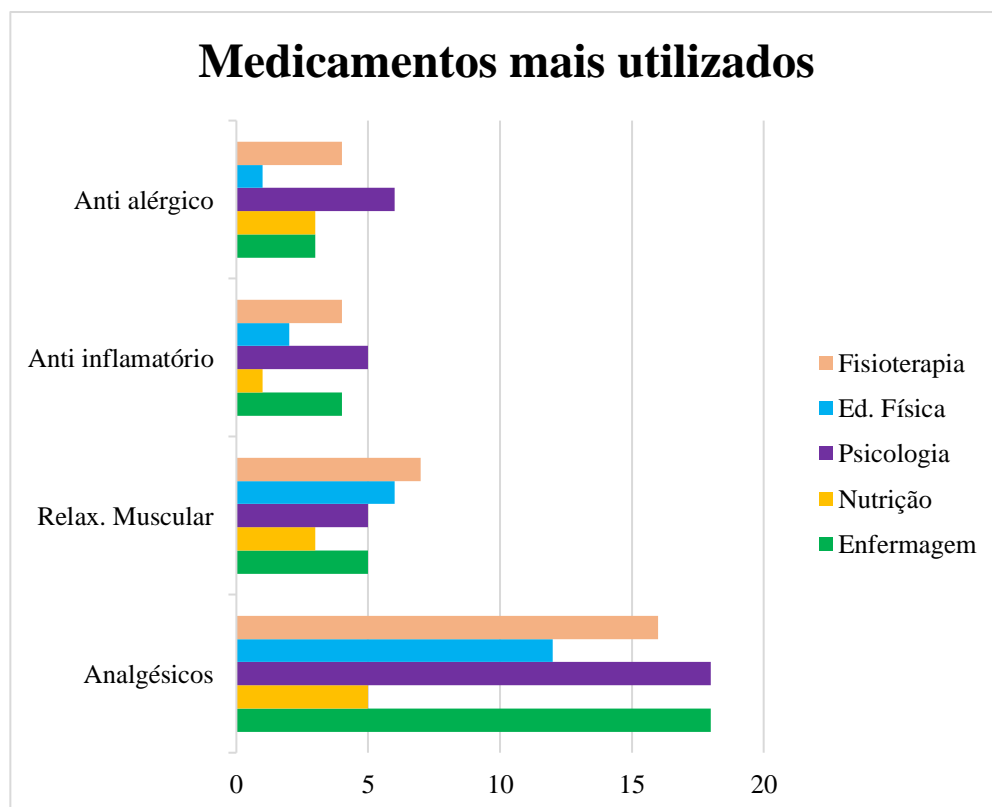
Em relação à indicação medicamentosa através de leigos, grande parte dos discentes dos cursos de psicologia, educação física e nutrição afirmaram esta prática. Um número expressivo de 83% dos alunos do curso de nutrição informaram, em algum momento, ter recebido indicação medicamentosa através de um leigo independente de ter aderido a prática. Desta forma pode-se observar e destacar o quanto a automedicação está enraizada no nosso cotidiano a ponto de aconselharmos tratamento medicamentoso a alguém sem ter formação para esta atividade.

Segundo Galvon, Pai e Echevarría-Guanilo (2016) não é difícil observar no cotidiano a naturalidade com que a automedicação está inserida na vida das pessoas,

cultuando a ideia de ser um benefício em qualquer circunstância. Além disso, a aceleração da vida contemporânea tem estimulado as pessoas a desejarem soluções imediatas para os males que as perturbam. A saúde passa, então, a ser mais um bem de consumo que pode ser adquirido por meio dos fármacos. Conforme Silva et al. (2014) o hábito de recorrer a alguém próximo, não médico, mas com algum conhecimento empírico, para aconselhamento sobre o que utilizar para o tratamento de algum mal que o aflija, faz parte da ontologia da saúde do nosso povo. Essa cultura é perpetuada de geração em geração, de pais para filhos.

Quanto a indicação de medicamentos por parte dos estudantes, de acordo com os resultados desta pesquisa, quase todos os cursos, com exceção de nutrição, tiveram resultados maiores que 50%, observou-se que este hábito está associado também a automedicação individual, pois propicia a indicar mais fármacos do que um sujeito que não se automedica.

A seguir, a Figura 1 apresenta os medicamentos mais utilizados por parte dos pesquisados que responderam automedicar-se, separados por curso nos proporcionando assim uma comparação rápida e eficaz a cerca da classe medicamentosa mais utilizada e o curso com mais variedades de fármacos citados.





Fonte: dados da pesquisa, 2020.

**Figura 1 - Respostas dos acadêmicos da área da saúde sobre os medicamentos que mais consomem em seus episódios de automedicação no Centro Universitário UNIESP. Cabedelo, 2020.**

A Figura 1 apresenta a demonstração dos medicamentos mais utilizados por cada curso acadêmico, observa-se que os participantes se utilizam do analgésico seguido de relaxante muscular de uma forma geral. Dessas classes os fármacos mais citados foram a dipirona com 14,2% das respostas (onde 7, 5% dos participantes não especificaram o analgésico que utilizaram) e o dorflex predominantemente com 12%. Outros estudos com resultados semelhantes foram Rizzatto (2019) e Pegoraro et al. (2019) onde entre os AINES mais utilizados destaca-se a dipirona. Em relação as causas, a prevalência são as dores com 31,5% dos resultados, concordando com a pesquisa de Galato et al. (2012).

Já nos resultados de Silva et. al. (2019), a pesquisa realizada proporcionou vários pontos de reflexão sobre o uso de analgésicos, demonstrando que, em alguns casos, de forma indiscriminada e, em outros, por orientação médica ou farmacêutica, sendo que, em muitos deles, com o intuito de aliviar ou combater dor moderada ou intensa são utilizados de forma repetida pela população analisada. A intensidade na utilização de analgésicos é uma constância na população brasileira e isso tem se configurado em automedicação que causa sérios danos à saúde.

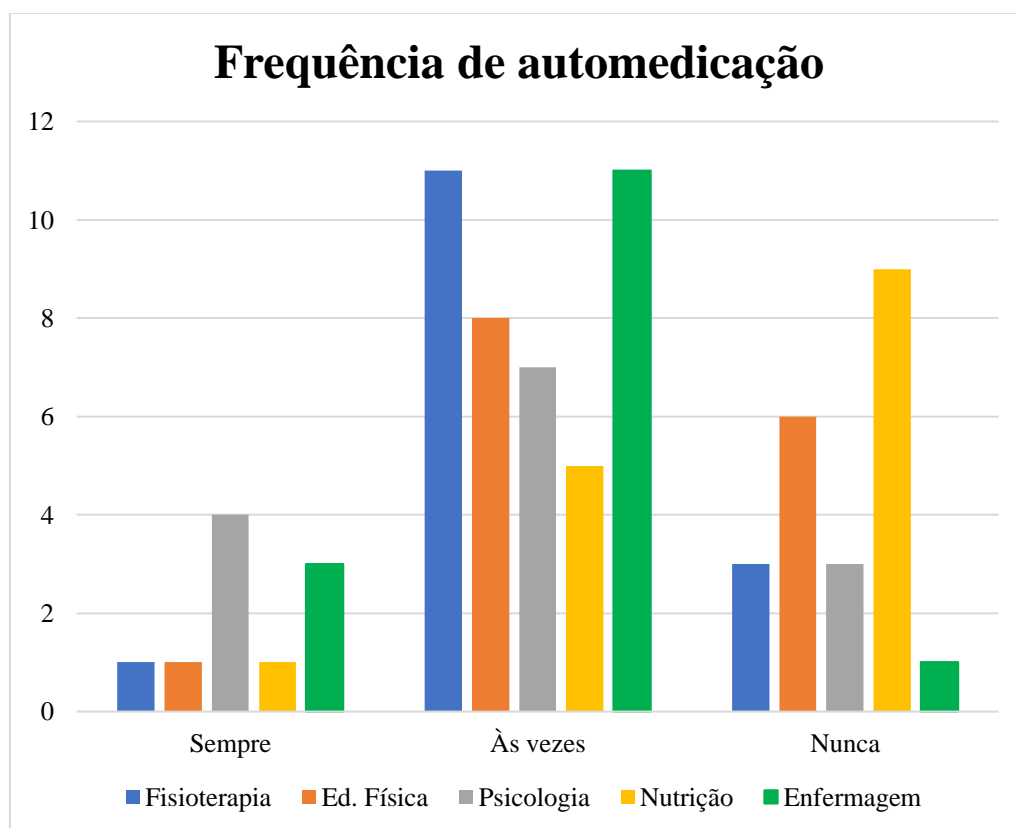
Outros 66,3% dos pesquisados responderam outras classes medicamentosas, incluindo antialérgicos, anti-inflamatórios, antiácidos, antibióticos, toda via em números menores. Podemos associar o maior índice de utilização dos analgésicos a fatos como serem usados comumente no alívio da dor, além disso podem ser adquiridos facilmente, apresentam venda livre, sem necessidade de receita médica para sua compra (SILVA et al. 2014).

O curso que menos citou medicamentos foi o de nutrição, como o esperado, devido a maioria dos pesquisados não se automedicarem. Seguido de educação física, o qual se destacou além de analgésicos fazer uso do relaxante muscular. Toda via, os resultados se mostram aproximados entre enfermagem, fisioterapia e psicologia, sendo psicologia o curso com maior índice de medicamentos na prática da automedicação.

Segundo estudos, estudantes da área da saúde possuem elevadas taxas de automedicação, da qual podemos projetar como prática continuada, tendo em vista que esses jovens logo serão novos profissionais da área. Pelo fato de realizarem a

automedicação, acredita-se que haja a tendência a fazê-la na vida profissional, principalmente porque o acesso facilitado será ainda maior com o início da atuação profissional (GALVON; PAI; ECHEVARRÍA-GUANILO, 2016).

Outro fator indagador é a cerca da frequência com que este público se automedica, tendo em vista que a periodicidade de utilização de medicamentos podem causar, dependendo de sua classe, resistência bacteriana, e até mesmo dependência; em relação isso foi introduzido ao questionário um item objetivo do qual os resultados estão representados a seguir, na Figura 2.



Fonte: dados da pesquisa, 2020.

**Figura 2 - Respostas dos acadêmicos da área da saúde, sobre a frequência de automedicação destes, no Centro Universitário UNIESP. Cabedelo, 2020.**

Ao observar a Figura 2, percebe-se que os discentes que se automedicam estão representados nas categorias: sempre e às vezes. Já os que relataram não utilizar a automedicação estão representados na categoria: nunca.

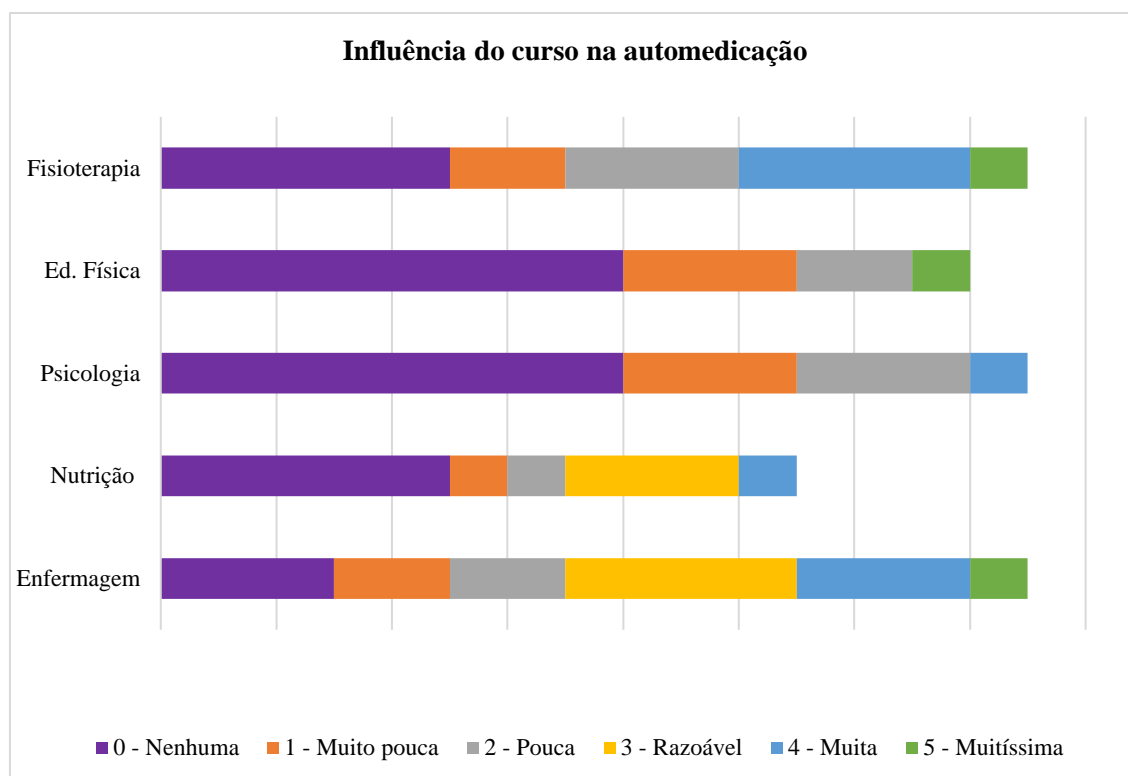
Diante da categoria sempre, observa-se que estes são a minoria, e conseqüentemente, os pesquisados de todos os cursos selecionados neste estudo mencionaram consumir medicamentos sem prescrição médica às vezes. Como verificado

em resultados anteriores desta pesquisa, o curso de nutrição se mostra com baixo índice de automedicação sendo o realce na categoria nunca. Onde na categoria sempre foram consideráveis os resultados de psicologia e enfermagem, e na categoria as vezes fisioterapia e enfermagem. O curso com menor índice na categoria nunca, foi enfermagem, resultado este que tem concordância com os observados na Tabela 1.

Outro estudo que obteve resultado semelhante foi Pegoraro et al. (2019) no qual observou-se, em relação à frequência de uso medicamentoso, que a maioria respondeu se automedica ocasionalmente o que, segundo o autor, mostra que a população em geral tem um consentimento quanto à automedicação e demonstra de maneira singular que tem um controle quanto ao seu uso.

Todavia, ao levar em consideração as classes e medicamentos citados pelos discentes, expostos na Figura 1, analisa-se que, apesar deste resultado demonstrar controle, há evidências de imprudência por parte dos pesquisados ao automedica-se, visando que se utilizam também de medicamentos que necessitam de prescrição médica, além disso, os que contestaram utilizar a automedicação, relatou mais de um medicamento em sua resposta, o que nos proporciona um indício de mais um dos riscos, a interação medicamentosa.

A seguir, a Figura 3 representa os resultados de uma pergunta subjetiva e pessoal relacionada a influência de seus cursos de origem à prática da automedicação, incluída no questionário aplicado aos discentes do Centro Universitário UNIESP.



**Gráfico 3 - Respostas dos acadêmicos da área da saúde sobre a influência do curso em relação a automedicação no Centro Universitário UNIESP. Cabelado, 2020.**

Fonte: dados da pesquisa, 2020.

Através da Figura 3 verifica-se que nos cursos de fisioterapia, educação física, psicologia e nutrição a maioria dos participantes responderam que os conhecimentos adquiridos através do curso não influenciaram em suas automedicações.

Desta forma vale lembrar que são inúmeros os fatores influenciadores desta prática, dentre eles podemos citar fatores intrínsecos e extrínsecos ao sujeito. Dos intrínsecos entende-se, relacionados ao próprio indivíduo bem como dor, imunodepressão, autopercepção do estado de saúde. Segundo Coelho et al. (2017), cada sociedade constrói um sistema simbólico acerca do processo saúde-doença, em diálogo com os tempos históricos, que influencia a autopercepção sobre o estado de saúde, sendo esta última, ao menos em parte, uma construção sociocultural. Essa autopercepção se origina por meio de um processo cognitivo, que ocorre a partir da aquisição de informações, significados, interpretações e representações, que são adquiridos a partir do ambiente sociocultural a que o indivíduo pertence. Os extrínsecos relacionam-se a fatores exteriores ao sujeito, ou seja, alguns são indicações de medicamentos por pessoas não capacitadas, propagandas de fármacos prometendo efeitos milagrosos, rotina.

No entanto, observa-se que os pesquisados do curso de enfermagem, responderam possuir certa influência do curso, com base em seus conhecimentos, na

prática da automedicação. A universidade é vista como uma fonte geradora de grandes conhecimentos para os estudantes da área da saúde, mas, conhecimentos esses que não foram significativos para redução do comportamento de automedicação, ao contrário, propiciam aos estudantes a falsa ideia de que estão mais aptos para essa prática. Além disso observa-se o fato de que os universitários da área da saúde são detentores de informações e conhecimentos privilegiados ao restante da população, ocasionando assim autoconfiança ao se automedicar (SILVA, 2014; ALVES et al., 2019).

Assim como Guidorene, Bittencourt e Pires (2015), concluí-se que é de grande preocupação a taxa elevada de graduandos que se automedicam e deve ser reforçada em universidades a importância do conhecimento e consciência dos riscos que essa prática oferece. Através deste estudo pode-se observar a importância de uma boa conduta quanto ao tema desde a graduação, tendo em vista que uma vez aderida esta prática tende a ser transportada da vida acadêmica para a vida profissional (SILVA; SOUZA; AOYANA, 2020). Este estudo contribui na adição aos conhecimentos dos futuros profissionais da área da saúde, a fim de provocar cautela quanto a utilização e/ou administração dos fármacos, aspirando tanto a segurança do paciente quanto a do especialista.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, é válido salientar que os fármacos proporcionam meios alternativos e eficazes no que diz respeito a manutenção da saúde dos indivíduos. Todavia o ciclo doença-saúde pode ser alterado por meio de uma automedicação irracional, essa consequentemente de alto risco. Embora seja um ato enraizado em nossa cultura e habitual ao sentir incômodos, pode se tornar uma ação desfavorável, seja piorando o quadro clínico, ou mascarando sintomas.

Assim, este estudo apresenta resultados que confirmam a presença e a prevalência da prática da automedicação independente da formação na área de saúde. Em relação ao tema constatou-se certa dúvida sobre o significado do termo automedicação, foi observado que alguns investigados não consideravam tomar um analgésico para dor de cabeça, por exemplo, como ato de se automedicar. Desta forma, apesar de toda informação pertinente ao assunto durante a formação acadêmica em saúde, estes discentes ainda são carente em esclarecimentos sobre o conceito de automedicação.

Os resultados demonstraram-se satisfatórios ao detectar níveis de automedicação em todos os cursos incluídos nesta pesquisa. O medicamento mais utilizado foi o

analgésico e a maior causa de automedicação foi a dor. O curso de enfermagem obteve maior índice nesta prática, todavia o curso de psicologia também registrou números consideráveis sobre variedade de fármacos utilizados.

Quanto a frequência de utilização da automedicação, os cursos de psicologia e enfermagem se destacaram na categoria sempre; a maioria, incluindo todos os cursos, relataram fazer uso desta prática às vezes, todavia destacaram-se neste item os cursos de fisioterapia e enfermagem; o curso de nutrição realçou maioria na categoria nunca enquanto o curso de enfermagem proferiu menor número nesta categoria. Em relação a influência do curso na automedicação, os graduandos de enfermagem expressaram esta influência enquanto os discentes de outros cursos afirmaram não ter sofrido indução por parte dos conhecimentos adquiridos através do curso.

O enfermeiro como profissional presente e que acompanha o paciente em todas as etapas de saúde tem potencial ação para mudar a realidade que se apresenta, contribuindo para a saúde do usuário, para o Sistema Único de Saúde, para as mudanças de práticas em enfermagem e para o fortalecimento de ações relacionado ao tema. Desta forma, fica evidente que a automedicação além de ser um problema de saúde pública de difícil solução, é uma ideia que está introduzida no cotidiano das pessoas de tal maneira que tornou-se algo natural, é também um veículo pertencendo aos utilizadores decidir se este carrega consigo a fórmula para um tratamento eficaz ou uma combinação de iatrogenias por seu uso irracional.

Destarte, aponta-se como solução para o problema da automedicação intervenções de múltiplas partes, cabendo aos discentes de cursos da área da saúde e instituição de ensino discutir a automedicação a fim de promover sujeitos e futuros profissionais da saúde que pratiquem o autocuidado de forma ampliada e que, no caso de fazerem uso da automedicação, o façam de forma segura e responsável.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Damião Romero Firmino et al. Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. **Revista de Enfermagem Ufpe On Line**, Recife, v. 1, n. 13, p.363-370, 2019.

ALVIM, Haline Gerica de Oliveira; LIMA, Mizael Maciel. Riscos da automedicação. **Jrg de Estudos Acadêmicos**, Brasília, v. 2, n. 4, p. 212-219, jun. 2019.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 50, n. 2, p.1-11, 2016.

AQUINO, Daniela Silva de; BARROS, José Augusto Cabral de; SILVA, Maria Dolores Paes da. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 2533-2538, Ago. 2010.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: < <http://bit.ly/1mTMIS3> > Acesso em: 26 mar. 2020.

BRITO, Éverton Guedes de. **Automedicação dos profissionais da saúde: uma revisão de literatura**. 2010. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Especialização em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde, Instituto Aggeu Magalhães, Recife, 2010.

CARDOSO, Liliane de Almeida et al. PERIGOS DA AUTOMEDICAÇÃO IRRESPONSÁVEL. **Anais Iii Conbracis**, Campina Grande, v. 1, p.1-9, 2018.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas et al. RELAÇÃO ENTRE A AUTOPERCEPÇÃO DO ESTADO DE SAÚDE E A AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, [s.l.], v. 6, n. 1, p.5-13, 22 fev. 2017.

CONSTANTINO, Viviane Macedo et al. Estoque e descarte de medicamentos no domicílio: uma revisão sistemática. : uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 25, n. 2, p. 585-594, fev. 2020.

GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy Borges. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 3323-3330, Dez. 2012.

GALVON, Micheli Rita; PAI, Daiane dal; ECHEVARRÍA-GUANILO, Maria Elena. Automedicação entre os profissionais da saúde. **Revista Mineira de Enfermagem**, Bambuí (MG), v. 20, p.1-10, 2016.

GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Silvia Regina. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Amazonas, v. 1, n. 38, p.1-7, mar. 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Rio Grande do Sul: Ufrgs, 2009.

GUIDORENI, Cristiane Gorgati; BITTENCOURT, Mariana Emília da Silveira; PIRES, Naiara de Almeida. Características do uso de fármacos sem prescrição por graduandos em Enfermagem. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, n. 29, p. 129-136, dez. 2015.

LUCCHETTA, Rosa Camila et al. Estoque, automedicação e uso de medicamentos pelos usuários da estratégia de saúde da família. **Bvsms**, São Paulo, p.1-17, 2009.

NEVES, Janeth de Oliveira Silva et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência e Saúde Coletiva**, Brasília (df), p.1751-1762, 2010.

PEGORARO, Cristiane Martinez Ruiz et al. CARACTERIZAÇÃO DA PRÁTICA DE AUTOMEDICAÇÃO COM ANALGÉSICOS PARA O TRATAMENTO DA DOR. **Colloquium Vitae**, [s.l.], v. 11, n. 3, p. 85-91, 20 dez. 2019.

PEREIRA, Januaria Ramos et al. Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento. **Bvsms**, Joinville, p.1-20, 2008.

RIZZATTO, Gabriel Dill. **Automedicação em acadêmicos de graduação**. 2019. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina, Universidade Federal da Fronteira do Sul, Passo Fundo, 2019.

SILVA, Aneliza da et al. Uso indiscriminado de analgésicos por discentes de uma instituição de ensino superior: um risco imperceptível. **Rev. Referências em Saúde da Faculdade Estácio**, Goiás, v. 2, n. 3, p. 22-29, dez. 2019.

SILVA, Jairton Clebison Soares da; SOUZA, Francisco das Chagas Rodrigues de; AOYANA, Elisângela de Andrade. A incidência do uso indiscriminado de medicamentos. **Rev. Bras. Interdisciplinar de Saúde**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 95-99, 2020.

SILVA, Luciana Amaral de Faria; RODRIGUES, Andrea Macedo de Souza. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde. **Rev. Bras. Farm.**, Jequié (BA), v. 3, n. 95, p.961-975, 2014.

SILVA, Flávio Martinez da et al. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, [s.l.], v. 16, n. 3, p.644-651, 30 set. 2014.

## **APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA PARAÍBA CURSO DE  
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**



## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado discente:

- Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar.
- Este estudo é intitulado “AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE” e está sendo desenvolvido pela graduanda em Enfermagem Thayná Milena de Oliveira da Silva, sob a supervisão da Prof. Ms. Karelline Izaltemberg V. Rosenstock
- O objetivo deste estudo é relatar o nível de automedicação entre os acadêmicos da área da saúde de uma instituição de ensino superior.
- Sua participação consiste em responder um questionário composto por questões objetivas e subjetivas.
- Este estudo não apresenta risco para o participante. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Sua participação poderá ajudar a contribuir para a melhoria dos futuros profissionais da saúde.
- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Educação Superior da Paraíba – CEP/IESP/FATECPB, telefone 2106-3849, e-mail: comiteiesp@gmail.com

## **APENDICE B - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

### **IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA:**

**CURSO:**

- Enfermagem
- Nutrição
- Psicologia
- Educação Física

**PERÍODO:**

- 1 ao 4
- 5 ao 7
- 8 ao 10

**QUESTIONÁRIO SOBRE AUTOMEDICAÇÃO:**

QUESTÃO 1. Você usa medicamento sem prescrição médica?

- Sim
- Não

Se sim, por quê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

QUESTÃO 2. Com que frequência você se automedica?

- Nunca
- Às vezes
- Sempre

QUESTÃO 3. Você atingiu seu objetivo de tratamento após a automedicação?

- Sim
- Não

QUESTÃO 4. Qual o motivo da sua automedicação?

- Dor
- Alergia
- Outros.

Se outros, quais? \_\_\_\_\_

QUESTÃO 5. Você já consultou recomendação medicamentosa através de um leigo?

- Sim
- Não

QUESTÃO 6. Você já recomendou medicamento a alguém?

- Sim
- Não

QUESTÃO 7. Quais os medicamentos que você mais consome?

---

---

QUESTÃO 8. Numa escala de 0 a 5 o quanto seu curso influência sua automedicação, através de seus conhecimentos?

---